

Desenvolvimento Urbano, Rural e Populações Vulnerabilidades

E-Book - Apostila

Desenvolvimento Urbano, Rural e Populações Vulneráveis



[Clique aqui para abrir o vídeo](#)

Introdução

A compreensão do processo de formação de nossa sociedade é vital para entendermos como vivemos em grupo, seja nas cidades urbanas ou no meio rural. A formação de nossas cidades se deu ao custo de algo e seu desenvolvimento está relacionado a diversos tópicos importantes que geram consequências a certos grupos e impactam o lugar que vivemos. Dessa forma, neste material, abordaremos o desenvolvimento urbano, o desenvolvimento rural e as populações vulneráveis. Para melhor entendimento, dividimos as discussões em temas distintos.

A primeira parte deste material aborda o desenvolvimento urbano, o processo ao qual trouxe o que conhecemos como as cidades urbanas ou espaços urbanos, entendendo as suas definições, processo de formação, diferentes tipos e consequências que o seu desenvolvimento trouxe para a nossa sociedade.

A segunda parte, busca-se entender o processo de desenvolvimento rural, a passagem do meio agrícola rudimentar para o progresso tecnológico que o agronegócio emprega, relacionando suas consequências e características que marcam este assunto.

A terceira e última parte deste material faz um link com os outros temas entendendo que existem certos grupos que, em um contexto moderno, apresentam maior risco social e econômico, abordando suas características e problemas que enfrentam.

O desenvolvimento urbano

Você já parou para pensar que a superlotação, o trânsito caótico, a poluição atmosférica e sonora, a falta de áreas verdes e a escassez de moradias acessíveis são alguns dos dilemas e desafios de quem vive nos espaços urbanos. Entender o processo de formação das cidades e suas características é importante para as políticas públicas, mas também é importante para nos conscientizar sobre de onde viemos e para onde iremos. Neste tema, entenderemos o processo de formação urbana e os desafios que o cercam.

Para iniciá-lo, é interessante conceituarmos o que é uma **cidade**. Sua definição está ligada ao aglomerado de pessoas em um determinado espaço geográfico, sendo que este grupo de indivíduos vive neste espaço para satisfazer suas necessidades. Dentro desse limite geográfico, as moradias constituem um elemento importante, sendo o local onde a população reside dentro das cidades urbanas.

Dessa forma, no Brasil, para definirmos **espaço urbano**, é adotado o critério político administrativo considerando toda sede de município (cidade) e de distrito (vila). Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), considera-se como espaço urbano, toda área de vila ou de cidade, legalmente definida como urbana, caracterizada por construções e com grande ocupação humana, espaços estes afetados pelo desenvolvimento urbano destinadas a expansão humana.

Para Costa et al. (2013), uma cidade possui características mais abstratas e conceitos que completam a definição apresentada até aqui, por exemplo, cultura, grupos sociais, economia etc. Ao longo da história, as cidades foram o meio ao qual os seres humanos buscaram segurança e abrigo, tendo seu surgimento no fim da Pré-História, porém a forma que as cidades modernas se apresentam tem sua origem no capitalismo, destacando-se maior complexidade. Podemos entender melhor esta dificuldade ao analisar as palavras de Corrêa (2000, p. 14).

O espaço urbano capitalista – fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas – é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço. São agentes sociais concretos e não um mercado invisível ou processos aleatórios atuando sobre um espaço abstrato. A ação desses agentes é complexa, derivando da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção e dos conflitos de classe que dela emergem. A complexidade da ação dos agentes sociais inclui práticas que levam a um constante processo de reorganização espacial que se faz via incorporação de novas áreas ao espaço urbano, densificação do uso do solo, deterioração de certas áreas, renovação urbana, relocação diferenciada da infraestrutura e mudança, coercitiva ou não, do conteúdo social e econômico de determinadas áreas da cidade.

Ao analisar essa relação complexa entre pessoas, pode-se perceber que o espaço urbano é baseado no consumo e o interesse em residir neste espaço é dado pela maior qualidade de vida, infraestrutura e maiores possibilidades de ascensão financeira. É importante destacar que as cidades nem sempre foram o foco de moradia para o ser humano, sendo que, no passado, o campo era o lugar onde a maior parte da população residia, esse cenário apresenta uma grande mudança com a chegada da modernidade, em especial a Revolução Industrial.

O período que antecede a **Revolução Industrial** apresenta uma sociedade com maior prevalência rural, sendo que o campo se localizava próximo aos centros urbanos. O sistema ao qual organizava esse conjunto (urbano e rural) apresentava o meio urbano como centro de organização política e econômica sendo que as pessoas interessadas nessas atividades, geralmente relacionadas à prestação de serviço, buscavam moradia nos espaços urbanos, já os espaços rurais eram o lugar onde as pessoas ofereciam sua mão de obra para a produção de alimentos, morando próximo ao trabalho e apresentando a maior parte da população. No entanto, com a chegada da Revolução Industrial, o espaço urbano se tornou um lugar mais atraente do que o espaço rural.

A primeira Revolução Industrial é marcada com a chegada de máquinas a vapor e maior oportunidades de trabalho no espaço urbano, devido às novas oportunidades, houve um intenso êxodo rural. É neste momento que existe uma intensificação da aglomeração humana no espaço urbano, diminuindo a população no meio rural e, conseqüentemente, o desenvolvimento das cidades industrializadas, como aponta Costa et al. (2013).

Para Bonaci (2007), as pessoas que saíam do campo buscavam novas oportunidades, maior acessibilidade e uma infraestrutura mais desenvolvida, porém as consequências dessa brusca mudança tornaram o espaço urbano superpovoado, aumentando os preços de moradias, devido à grande procura por parte da população que vinha dos campos. Esse processo colaborou para o surgimento de aglomerados que, eventualmente, seriam conhecidos como favelas.

O surgimento das **favelas** pode ser considerado como um evento social em que é a consequência do crescimento acelerado do meio urbano em grandes cidades, como afirma Bonaci (2007). Se analisarmos o desenvolvimento do espaço urbano e sua relação com o capitalismo, podemos perceber que quem possui meios financeiros terá condições de pagar por moradia adequada, quem não possui, será excluído desse processo e forçado a morar em uma opção mais acessível, ou seja, o surgimento das favelas é dado pela expansão das cidades e sua incapacidade de alocar moradia acessível e de qualidade a todas as pessoas que a procuram.

Figura 1 - Favelas: as favelas nascem da expansão do espaço urbano sendo um meio alternativo para quem não possui recursos suficientes



O processo de formação das favelas é uma consequência do surgimento de grandes cidades que, desde o surgimento de uma indústria mais dinâmica, tornou o espaço urbano mais atrativo para a população. É importante destacar que o espaço rural consistia em um ambiente com menores oportunidades, com menor qualidade de vida e com um ambiente mais hostil do que o meio urbano. Dessa forma, na promessa de uma vida melhor, uma grande quantidade da população rural migrou para os centros urbanos, gerando e agravando os problemas sociais dentro do espaço urbano.

Para Santos (2009), o uso do solo urbano é destinado a poucos atores, o que gera uma crescente massa de excluídos sociais, sendo um produto das contradições de classe. Esse espaço é palco de lutas que moldam o espaço urbano.

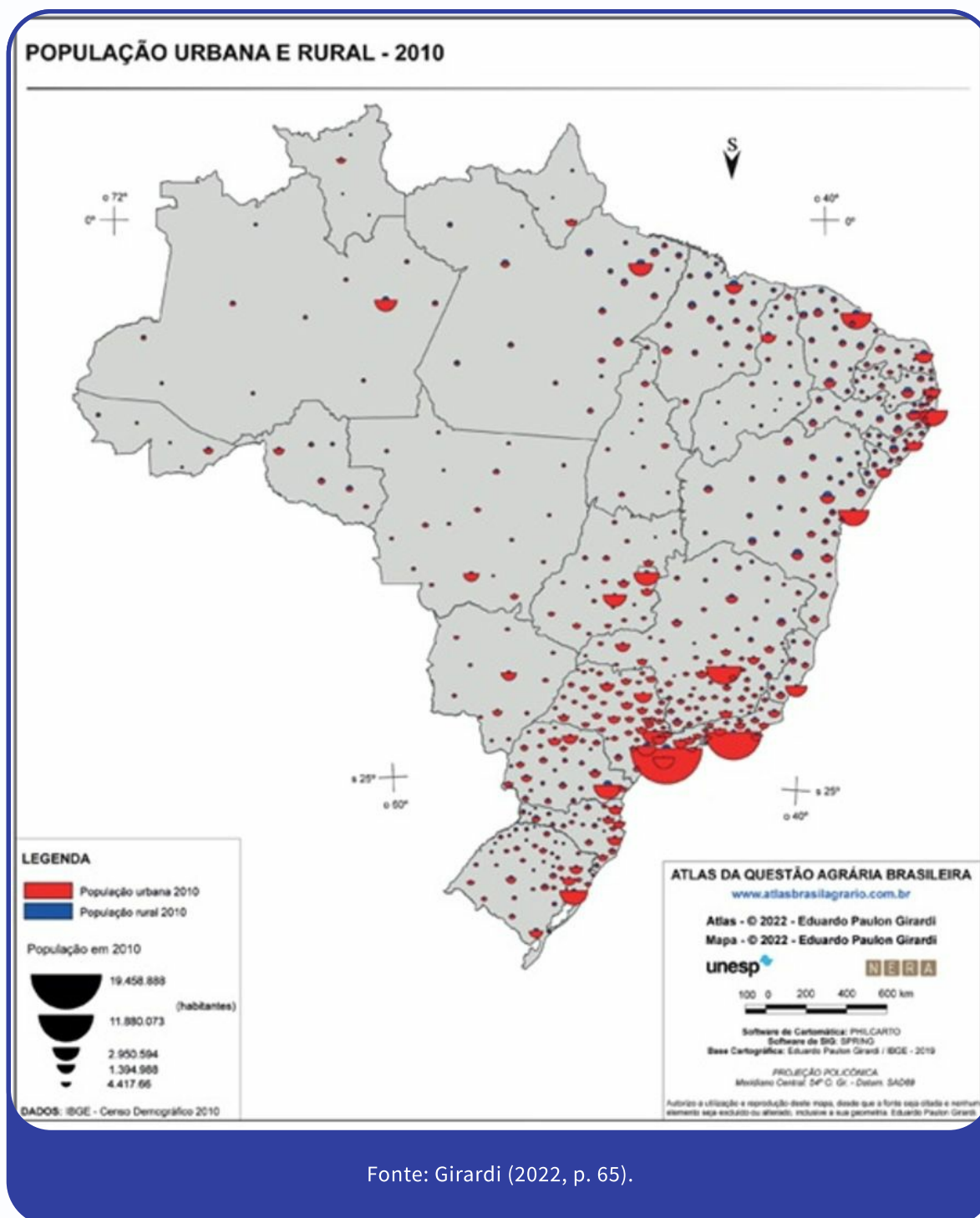
Corrêa (2000), por sua vez, apresenta uma relação mais distinta de classe à qual identifica os atores sociais envolvidos na produção de espaço urbano, quais sejam: os proprietários fundiários e dos meios de produção, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos. Sendo os dois primeiros os agentes que atendem às necessidades das classes que possuem poder financeiro compatível com as demandas do mercado, que podem pagar para utilizar esse espaço urbano. Os grupos sociais excluídos também moldam o espaço urbano ao produzirem favelas, invadindo terrenos públicos ou privados, tornando-se, efetivamente, agentes modeladores, produzindo seu próprio espaço.

Como podemos observar no decorrer deste tema, o processo de urbanização altera a paisagem natural, modificando áreas que antes eram agrícolas ou naturais em um cenário mais urbano, tendo como consequência a invasão cada vez maior dessas áreas naturais, ou seja, a natureza é constantemente pressionada em detrimento das necessidades humanas. Esse processo também ocorre na formação das favelas.

Diante das informações apresentadas, é importante observar o momento ao qual a população apresenta uma quantidade maior de pessoas vivendo nos centros urbanos do que no meio rural. Sendo que, em 2008, pela primeira vez, esse fato ocorre. Essa transição vem ocorrendo ao longo de nossa história, como vimos, porém ocorreu principalmente em grandes centros urbanos e em um nível menos acelerado em países mais pobres, sendo a desigualdade um fator importante nesse evento (United Nations Department of Economic Social Affairs/Population Division, 2008).

A exemplo, podemos analisar o caso do Brasil, que, segundo Caiaffa et al. (2008), a proporção da população residindo em áreas urbanas passou de 31,3%, em 1940, para 81,2%, em 2000. Esse crescimento ocorreu com maior intensidade nas décadas de 1950 e 1960, porém foi nos anos 1970 que a população no meio urbano ultrapassou o meio rural.

Figura 2 - População rural e urbana



Ainda sobre o Brasil, A Agência de Notícias IBGE (2023) aponta que as áreas urbanizadas cresceram 19% entre 2015 e 2019. Estão inclusos nessa estatística aglomerados de casas, ruas e edificações apresentando 45.945 km² de áreas urbanizadas. Apesar de parecer um número alto, ele corresponde a 0,54% do território total brasileiro.

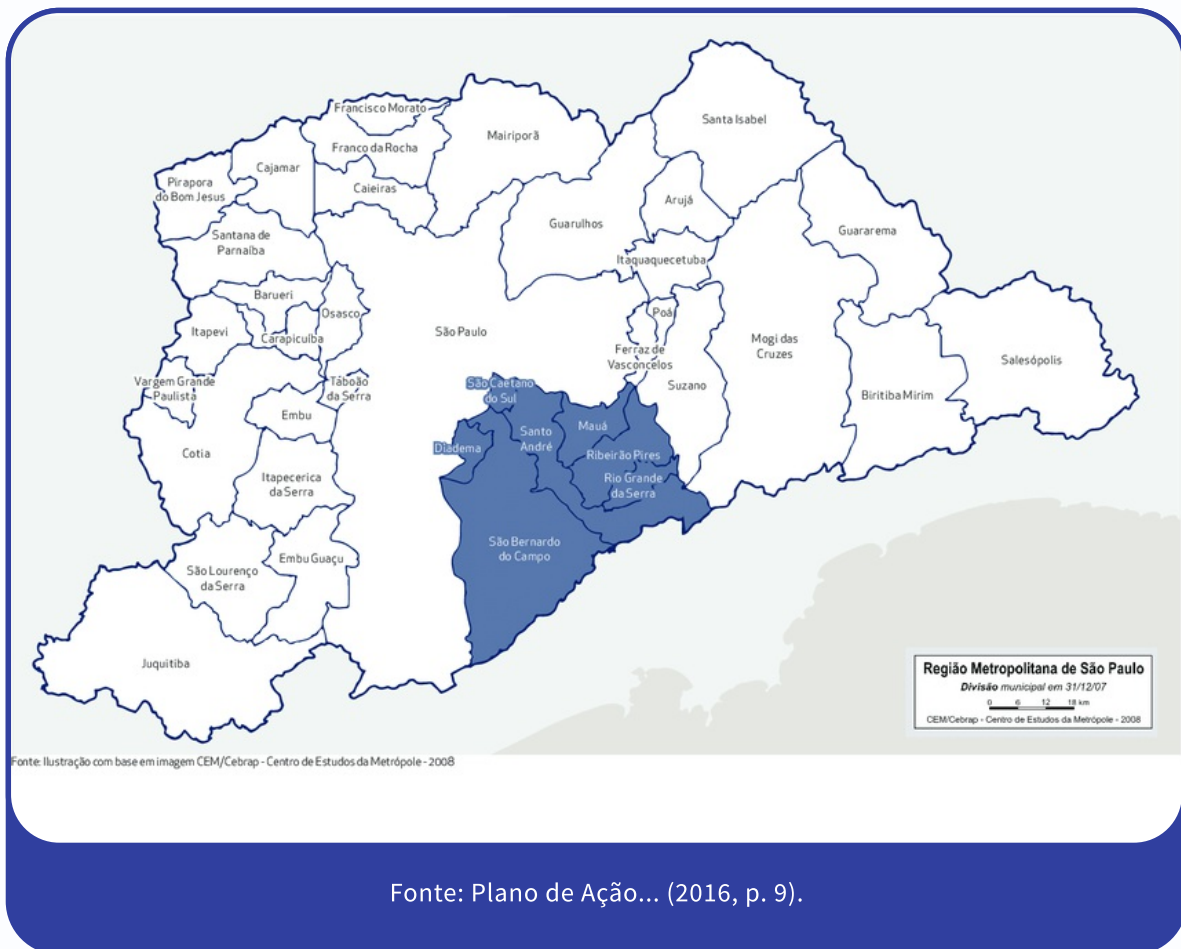
Sobre o processo de urbanização, podemos classificá-lo em diferentes tipos de organização dentro do espaço urbano, dependendo da importância econômica, política e cultural. Podemos classificá-los em: metrópole, região metropolitana, conurbação, megalópole, megacidades e cidades globais. A seguir, discute-se sobre cada um desses processos de urbanização.

Metrópole: as metrópoles podem ser categorizadas como espaços urbanos com uma grande quantidade de pessoas ou alta densidade populacional, possuindo uma grande diversidade de atividade econômicas. Dentre suas características, podemos citar a forte influência regional e nacional, tendo uma forte indústria, um comércio desenvolvido e um centro cultural diverso. Além de apresentar essas características, as metrópoles são grandes centros inovadores, apresentando tendências tecnológicas e culturais. Por apresentar grande densidade populacional, é comum termos problemas sociais nesses espaços, por exemplo, desigualdade social, congestionamento urbano e problemas ambientais, mas também são espaços de oportunidades e diversidade. Como exemplos de metrópoles, podemos citar as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Nova York e Tóquio.

Figura 3 - Tóquio



Região metropolitana: este tipo de urbanização apresenta forte relação com uma metrópole. Para que exista uma região metropolitana, devemos considerar uma metrópole e os seus municípios vizinhos, apresentando forte integração econômica e social entre seus integrantes. Dessa forma, é levado em conta o planejamento urbano e desenvolvimento sustentável de seus integrantes, buscando resolver problemas, como transporte, moradia, saneamento básico e meio ambiente. Como exemplo de região metropolitana, podemos citar a Região Metropolitana de São Paulo, que inclui diversos municípios ao redor da capital paulista.

Figura 4 - Região Metropolitana de São Paulo

Conurbação: a conurbação, por sua vez, ocorre quando duas ou mais áreas urbanas se expandem ao ponto que se fundem, gerando uma única área contínua, ou seja, é resultado de uma expansão desordenada das áreas urbanas. As consequências desse evento podem resultar em problemas ecológicos, como perda de áreas verdes, aumento do trânsito, congestionamentos e problemas na prestação de serviços públicos por parte das cidades envolvidas. Como exemplo, podemos citar a Grande São Paulo (que envolve mais de 30 municípios).

Megalópole: a megalópole constitui em uma junção de diversas metrópoles e regiões metropolitanas interligadas entre si, ou seja, nesse conjunto de cidades, temos algumas metrópoles com suas regiões metropolitanas próximas umas das outras. Elas são áreas urbanas de extrema importância econômica e cultural que, juntas, formam uma grande rede de cidades interligadas. Como vantagem, temos um grande polo de inovação e desenvolvimento econômico para seus integrantes. Como exemplo, podemos citar a megalópole Rio de Janeiro-São Paulo, interligando centros metropolitanos do Sudeste, abrangendo 232 municípios e estendendo-se de Campos dos Goytacazes a Campinas.

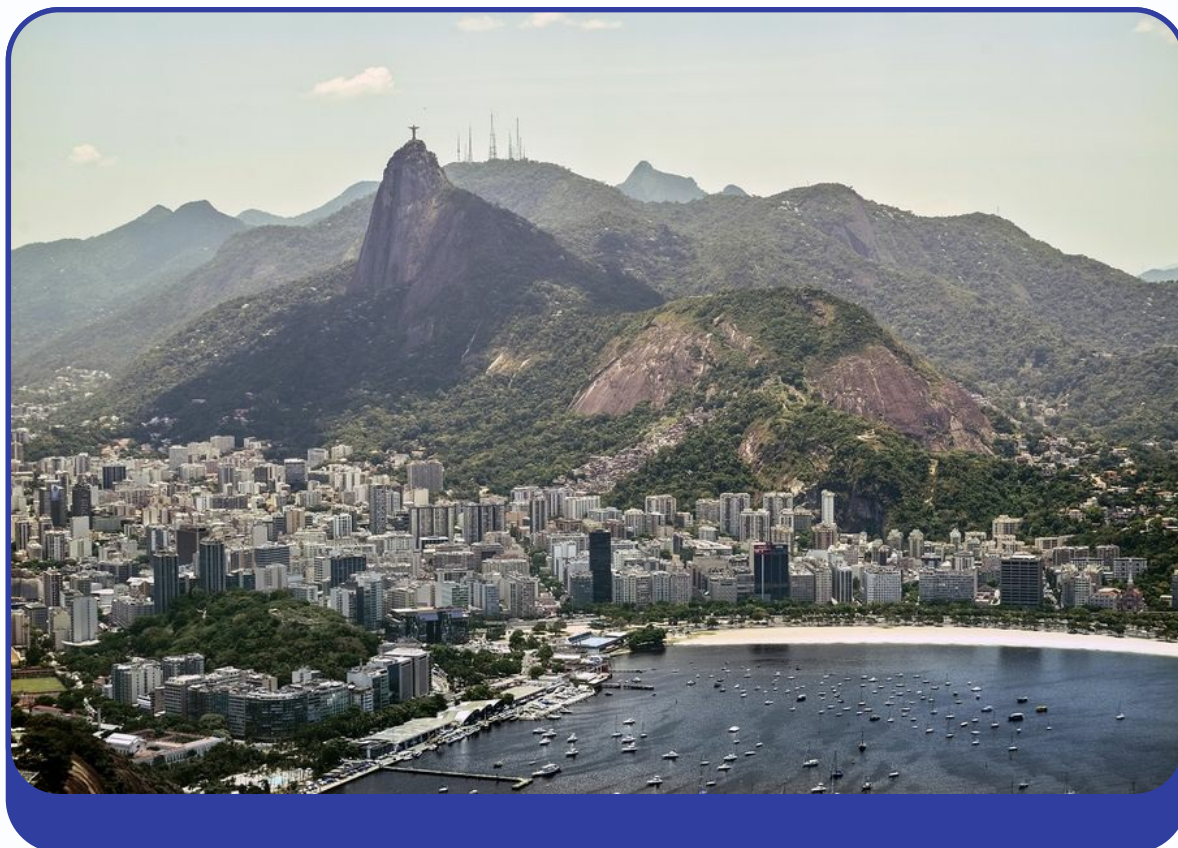
Figura 5 - Megalópole Rio de Janeiro - São Paulo



Fonte: Pena (2024, on-line).

Megacidades: são cidades com um grande aglomerado de pessoas, apresentando uma quantidade superior a 10 milhões de habitantes. Como citado anteriormente, algumas cidades apresentam um crescimento demográfico muito rápido, e por não possuírem estrutura adequada que comporte essas pessoas, temos o surgimento de favelas, apresentando dilemas como infraestrutura precária, habitações inseguras, difícil mobilidade e grande mudança no meio ambiente. Como exemplo, podemos citar a cidade de São Paulo e o Rio de Janeiro. Mundo a fora, podemos ter como exemplo as cidades de Tóquio e Nova Deli.

Figura 6 - Megacidade: Rio de Janeiro



Cidade globais: este tipo de urbanização apresenta forte influência que ultrapassa seus limites geográficos, exercendo influência em âmbito global, sendo tendência e influenciando a economia mundial, as redes de comunicação e os meios de veículos ou transportes. O surgimento dessas cidades está ligado ao neoliberalismo, ao qual trouxe grandes benefícios para essas cidades, como a atração de investimentos, talentos e turismo, o que colaborou para a projeção internacional dessas cidades. A exemplo de cidades globais, temos Nova York (EUA), Tóquio (Japão), São Paulo (BR), Londres (Inglaterra), Hong Kong (China) e Paris (França).

Figura 7 - Cidade global: Londres



Compreender a dinâmica do tipo de urbanização é essencial para termos políticas públicas mais eficazes, buscando um planejamento sustentável com maior qualidade de vida, além de enfrentar as questões que afetam os diversos grupos sociais que compõem as cidades. Dessa forma, podemos diminuir os problemas, como desigualdade, mobilidade e a destruição do meio ambiente.

Nesta seção, entendemos o processo ao qual gerou os espaços urbanos, buscando analisar sua formação, além de suas consequências para o cenário natural e para a população. Ao entender esses temas, conseguimos perceber que o espaço urbano apresenta diferentes atores, aos quais enfrentam dilemas que nem sempre são vantajosos para certos grupos. Ainda que os centros urbanos sejam atraentes aos olhos de certos grupos, o seu crescimento desenfreado tornou o processo de povoação desigual, intensificando, assim, as desigualdades já existentes.

Nos dias atuais, o crescimento desenfreado desses lugares apresenta problemas sociais, como violência, falta de oportunidade, baixa infraestrutura para sociedades carentes, além dos dilemas já citados anteriormente. As políticas públicas buscam corrigir estas falhas de mercado, mesmo que este crescimento seja um evento natural, motivado pelo interesse das pessoas, cabe ao Estado oferecer condições mais dignas e iguais para toda a sociedade e evitar que o poder seja concentrado nas mãos de poucas pessoas.

Vídeo Complementar

Assista ao vídeo do geógrafo Milton Santos sobre os conceitos de espaço e paisagem, apresentando parte da sua elaboração sobre essas categorias da geografia.



[Clique aqui para abrir o vídeo](#)

O vídeo nos tras uma importante reflexão sobre Milton Santos, renomado geógrafo brasileiro, que contribuiu significativamente para o entendimento das categorias de espaço e paisagem na geografia. O espaço geográfico é uma construção social, resultado das interações entre a sociedade e a natureza. Ele enfatiza que o espaço não é apenas físico, mas também social, político e econômico, sendo moldado pelas relações de poder e pelas práticas cotidianas das pessoas.

Desenvolvimento rural

Como garantir o desenvolvimento sustentável e a qualidade de vida nas áreas rurais, considerando suas particularidades e desafios específicos? A falta de infraestrutura, como acesso limitado a serviços de saúde e educação, a escassez de empregos e oportunidades econômicas, a dificuldade de acesso a bens de consumo, o desmatamento, o latifúndio e a dependência de recursos naturais para subsistência são alguns dos desafios enfrentados pelas comunidades rurais. Neste tema, abordaremos o desenvolvimento rural, sua evolução e os desafios que o cercam.

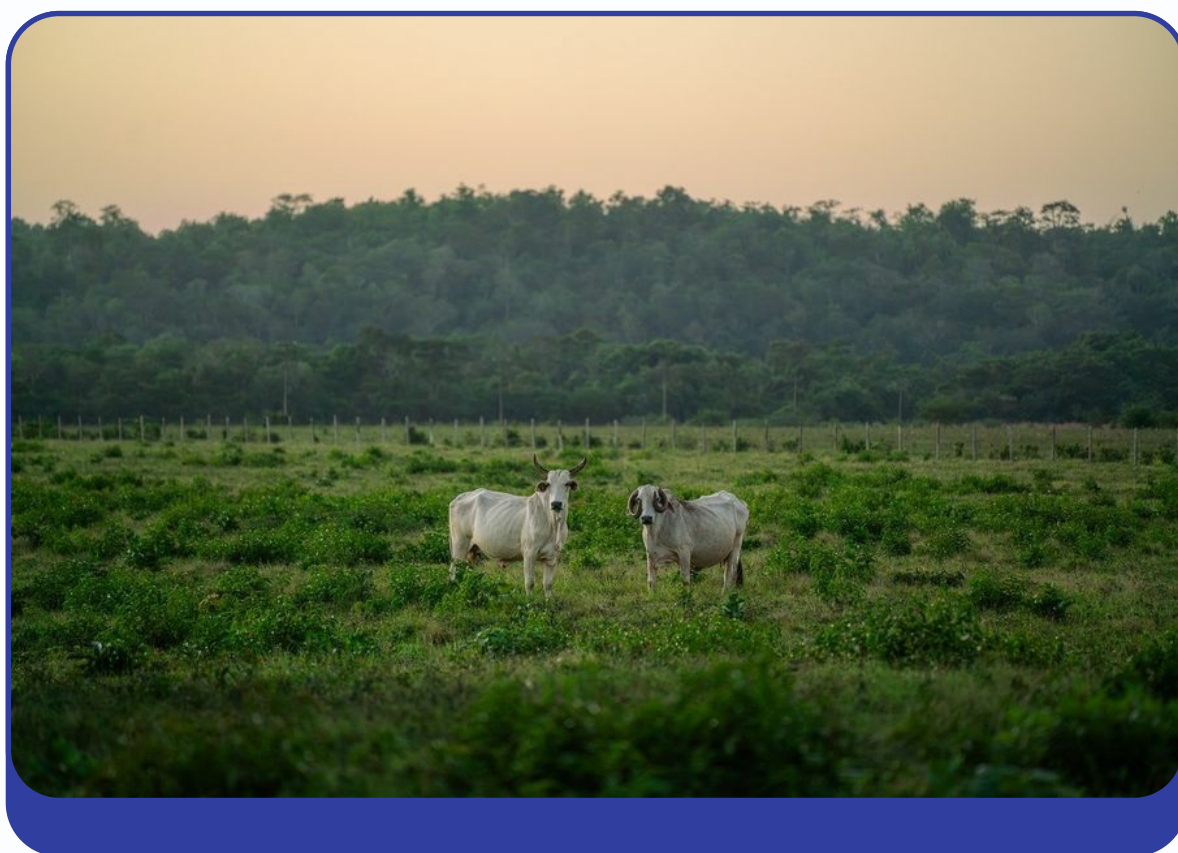
O desenvolvimento rural é distinto se comparado ao desenvolvimento urbano. Ao longo da história, foi possível perceber que o meio urbano teve como característica principal o alto crescimento demográfico, maior complexidade dentro das relações humanas e diversificação de suas atividades. O espaço rural por sua vez, tornou-se menos dependente da mão de obra humana, tendo apresentado um esvaziamento e maior intensificação de suas atividades por meio da especialização e desenvolvimento de novos métodos e ferramentas para a sua atividade.

É importante destacar que o crescimento demográfico pressionou o campo a intensificar sua produção e, devido aos novos métodos, grande parte das demandas alimentares foram atendidas, contrariando as visões de economistas como Thomas Robert Malthus, que afirmava um mundo ao qual o crescente número de bocas para alimentar não acompanharia o crescimento da produção de alimentos. Esses novos métodos e a nova realidade do espaço rural trouxeram consequências que pressionaram o meio ambiente, modificando e o destruindo.

Neste tema, analisaremos os desdobramentos do desenvolvimento rural, seu contexto histórico, buscando entender a passagem de um sistema arcaico e atrasado para um sistema mais produtivo conhecido como agronegócio, também decifraremos as consequências dessas mudanças para a sociedade e para o meio ambiente.

O espaço rural

Figura 8 - Espaço rural



O espaço rural é tudo aquilo que não é urbano. Para Marques (2015), o espaço rural é definido pelas suas carências e não por suas próprias características, sendo definido pelo arbítrio dos poderes municipais, o que, muitas vezes, é influenciado pelos interesses fiscais.

Outra definição pode ser apontada por Kayser (1990), apresentando características que definem o espaço rural como um modo particular de utilização do espaço e de vida social. Os pontos do autor que definem essas características são:

- a) Baixa densidade demográfica e de construções, prevalecendo a paisagem verde com cobertura vegetal.
- b) Atividades econômicas ligadas ao setor primário.
- c) O modo de vida das pessoas que ali vivem, sendo caracterizado por um baixo grupo social.
- d) Identidade características à vida rural, geralmente atrelada à cultura camponesa.

Diante dessas definições, podemos observar que o espaço rural pertence a um município, porém com características distintas do espaço urbano. Nesse contexto, o espaço rural passou por diversas transformações ao longo da história da humanidade e em cada período da história, apresentou características distintas, gerando consequências para toda a sociedade.

O processo de formação do **espaço rural** é um marco na história da humanidade, pois, a partir deste momento, o ser humano deixou a vida nômade, buscando criar raízes e desenvolver o espaço ao qual se fixou. Neste momento, o ser humano passa a utilizar a terra e, de forma manual, a cultivar os alimentos para sua subsistência.

Figura 9 - A mudança de uma vida nômade para a sociedade



Fonte: Szklarz (2022, on-line).

A permanência do ser humano em locais que eventualmente se tornariam as cidades, trouxe mudanças significativas para o seu estilo de vida. O que antes coletava e esperava a renovação da natureza, ele começa a plantar e depois colher. Os lugares onde começaram a residir, deveriam ser estratégicos, com boas possibilidades de caça, pesca e terras férteis, sendo próximas aos rios. A formação desses locais trouxe ao ser humano a possibilidade de maior proteção, maior qualidade de vida e, eventualmente, o aumento de seus números.

Devido ao aumento da população, novas terras e novos métodos de cultivos seriam necessários para o aumento da produção desses bens, visto que a demanda seria maior. Objetos para o plantio e a domesticação de animais foi necessária. Como resultado, o ser humano continuou buscando o aprimoramento, consecutivamente o desenvolvimento de seus métodos, buscando modificar o espaço natural ao qual vivia.

Podemos perceber que a formação dessas sociedades primitivas apresentavam um caráter menos complexo e mais harmonioso com a natureza. Isso começa a mudar à medida que as sociedades passam a ser mais complexas, exigindo uma organização política, financeira e social.

Nesse contexto, temos o início da criação do espaço urbano, como foi apresentado anteriormente. Podemos perceber que devido à grande necessidade de mão de obra para o crescimento da oferta de alimentos, a maior parte da população morava no espaço rural, a grande mudança nesse cenário ocorre com o desenvolvimento que ocorreu dentro do espaço urbano ao longo da história, por exemplo, a industrialização e urbanização.

O espaço rural também apresentou mudanças que auxiliaram em uma menor mão de obra para suas atividades, essas mudanças ocorreram na metade do século XX, entre 1960 e 1970, sendo conhecido como **Revolução Verde**, este evento trouxe tecnologias e metodologias para o campo, que ajudaram a aumentar sua produção, exigindo uma quantidade menor de pessoas para suas atividades.

Esses novos métodos centravam-se em insumos químicos, mecanização do campo e a implantação da monocultura, porém é importante mostrar que a Revolução Verde trouxe alguns problemas para nossa sociedade, como o aumento na desigualdade social, concentração fundiária, desmatamento, utilização desenfreada de fontes de água e poluição causada pelos produtos químicos.

Figura 10 - Revolução verde: uma grande mudança em como produzimos nossos alimentos



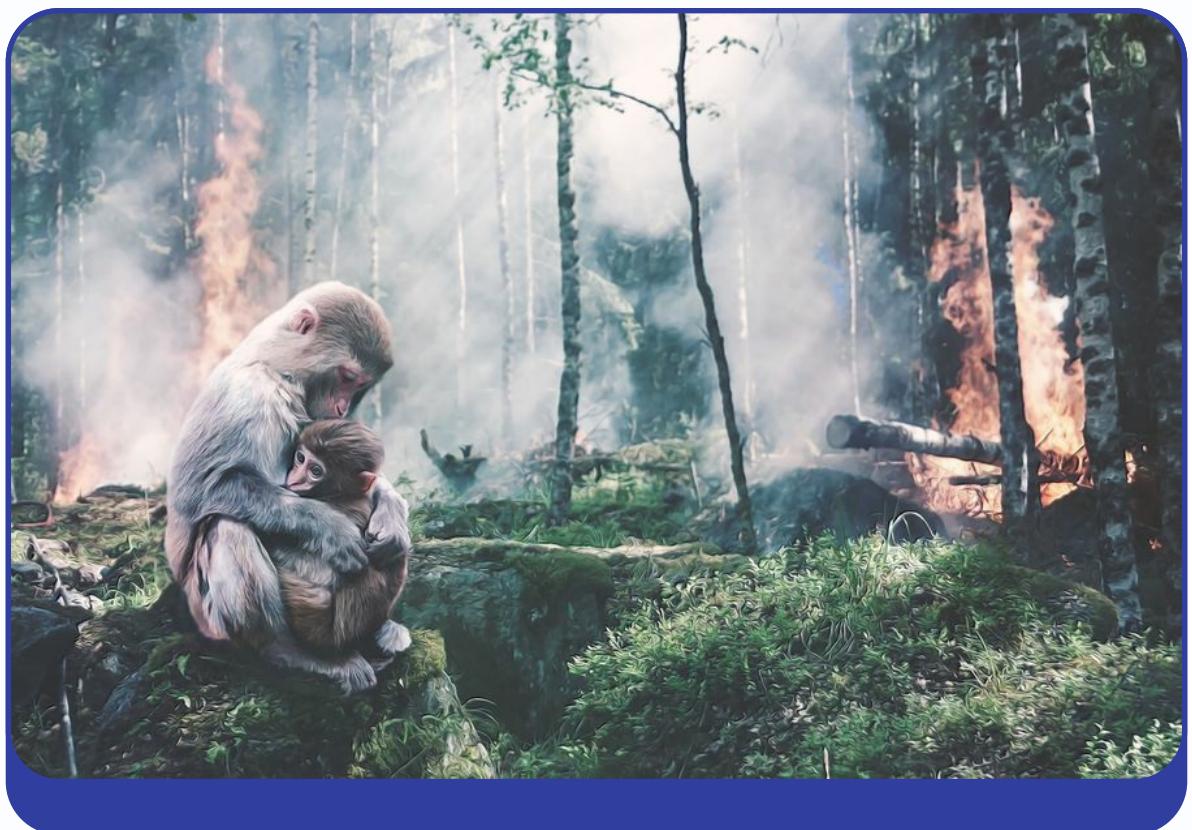
Fonte: Matias (2024, on-line).

A desigualdade social advinda da Revolução Verde está relacionada ao acesso, tanto dos seus benefícios quanto dos seus recursos. Devido ao seu alto custo, a Revolução Verde ficou acessível para as camadas mais ricas, sendo que quem não possuía recursos permaneceu com métodos rudimentares ou com poucos recursos. A produção sofreu um grande salto, porém, mesmo diante dessa nova perspectiva, a distribuição desses recursos esteve limitada, ainda existindo insegurança alimentar devido à distribuição desigual e acesso limitado.

A concentração fundiária, por sua vez, fala sobre a criação de latifúndios, ou seja, a concentração de terras em poucas mãos, devido ao salto na produção e altos lucros advindos desse processo, poucos agricultores tiveram condições de intensificar sua produção. Como resultado, a tendência de expansão dos seus domínios tornou-se constante, acirrando, assim, a concentração de terras em poucos agricultores.

O **desmatamento** é um processo que esteve em conjunto com a expansão das cidades, no meio urbano, essa mudança apresenta caráter mais agressivo, porém, no meio rural, esse processo não chega a ser menos agressivo. A busca por mais terras férteis e com possibilidades para a agricultura ou pastoreio incentivou o crescimento de áreas desmatadas, forçando pastos e campos para dentro das florestas. Esse processo manteve o espaço rural verde, porém ao custo de espécies de fauna, flora e grupos vulneráveis dependentes do meio ambiente.

Figura 11 - Desmatamento uma ação nociva a vegetação natural



A utilização desenfreada de fontes de água é relacionada à irrigação intensiva, causando problemas, como escassez de água, exaurindo os recursos disponíveis, possibilitando a salinização do solo, tornando-o infértil e aumentando conflitos pelo uso deste recurso.

Por fim, a **poluição** causada pelos produtos químicos. O uso de agrotóxicos aumentou, e muito, a produção de alimentos, porém esse aumento trouxe consigo problemas ambientais sérios. Alguns produtos se mantêm na natureza por longos períodos e, geralmente, são levados com as chuvas para mananciais, rios e lagos. Esse processo afetou a vida animal e o consumo de recursos hídricos para a vida humana.

Figura 12 - Poluição por agrotóxicos



Ao longo deste tema, conseguimos perceber que o espaço rural foi importante para o surgimento das sociedades e seu desenvolvimento esteve relacionado ao aumento da população, havendo a necessidade de um aumento da produção, tivemos a **Revolução Verde**, que afetou o meio ambiente, trazendo sérias consequências a toda sociedade. É importante destacar que os desafios advindos da nova realidade do espaço rural são resultados da expansão dos interesses humanos, relacionados a uma sociedade mais consumista e agressiva com o meio em que vive.

Leitura Complementar

CAMPAGNOLLA, C.; MACÊDO, M. M. C. Revolução Verde: passado e desafios atuais. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, [s. l.], v. 39, n. 1, p. 26952, jun. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.35977/0104-1096.cct2022.v39.26952>. Acesso em: 9 abr. 2024.

Neste artigo, os autores trazem um importante debate sobre os pontos positivos e negativos da Revolução Verde. O estudo mostra que esse evento foi importante para a sociedade como um todo, porém os desafios que trouxe consigo são novos e exigem ações públicas mais enérgicas.

Populações vulneráveis

Pessoas em situação de rua, idosos, crianças em situação de vulnerabilidade, minorias étnicas e LGBTQIAP+ enfrentam obstáculos, como discriminação, falta de acesso a serviços básicos, exclusão social, dificuldades econômicas e, até mesmo, violações de direitos humanos. Como garantir que esses grupos tenham seus direitos respeitados e recebam o apoio necessário para superar as barreiras que enfrentam? Como promover a inclusão e a igualdade de oportunidades para aqueles que são mais vulneráveis em nossa sociedade?

Anteriormente, estudamos o desenvolvimento urbano e rural, buscando entender como esses dois espaços cresceram, analisando as consequências e desafios nesse processo. Agora, abordaremos parte dos atores sociais que estão inseridos nesses espaços, apresentando as **populações vulneráveis**.

Entende-se por população vulnerável um grupo de pessoas que estão sujeitas a um certo nível de risco social. É uma parte da sociedade que sofre de problemas econômicos, sociológicos e estruturais, ao quais necessitam de maior atenção do poder público e sociedade. É importante destacar que esses grupos apresentam um contexto cultural, histórico e, em certos casos, regionais.

O surgimento do termo nasce do direito internacional, dos direitos humanos universais, advindo da relação entre saúde pública e direitos humanos que ocorre durante as primeiras décadas de luta contra o HIV/AIDS, mostrando a ineficácia de ações discriminatórias para conter a pandemia, realçando os problemas de vulnerabilidade social relacionados à doença, como afirma Neves-Silva e Heller (2016).

A vulnerabilidade, nesse sentido, avalia o grau de acesso aos recursos, de todas as ordens, para proteger o indivíduo contra as diversas enfermidades, dialogando com a promoção da saúde, pois busca compreender e transformar os determinantes sociais do processo saúde-doença-cuidado. Assim, cada pessoa é sujeito de direito, sem discriminação, e os aspectos sociais e culturais que vivenciam que acabam aproximando do adoecimento.

Destaca-se o papel do governo na regulamentação desses grupos, regulamentando, respeitando e protegendo os direitos e como e quando a condição social exige ações específicas que possam lidar com os conflitos resultantes da discriminação que acentua a desigualdade social e aumenta a vulnerabilidade.

Podemos considerar que **vulnerabilidade** está relacionada aos direitos, pois reconhece o indivíduo como um sujeito de direito, responsabilizando o governo no dever de garantir que todos, sem discriminação, tenham acesso aos recursos que possam garantir um certo nível de qualidade de vida, saúde e dignidade. Podemos afirmar que, onde existe maior incidências de violação de direitos, há uma maior quantidade de vulnerabilidades aos problemas de saúde.

Indo além das definições apresentadas, podemos relacionar o tema atual, com os anteriores. Como podemos observar, os atores sociais englobam os espaços em nossa sociedade, esses espaços, por sua vez, poderão oferecer seus benefícios a uma pequena parte da população, geralmente são grupos com poder financeiro, enquanto os grupos aos quais apresentam pouco poder financeiro estarão suscetíveis a riscos e problemas que afetem a sua dignidade. Devemos destacar que os problemas de cada grupo podem estar diretamente relacionados aos espaços que ocupam.

As **populações vulneráveis** que ocupam os espaços urbanos apresentam riscos sociais relacionados a problemas econômicos, estruturais, de dignidade, respeito e culturais. Ao analisarmos esses grupos que estão inseridos nos espaços urbanos, podemos relacionar que os dilemas que impedem uma melhora para eles estão ligadas ao preconceito, ao conservadorismo, aos problemas econômicos, à violência e a causas estruturais. As populações vulneráveis que ocupam os espaços rurais apresentam problemas distintos e alguns semelhantes aos grupos sociais do espaço urbano.

Ao entender a relação homem-natureza e a mudança do espaço rural advindo da **Revolução Verde**, podemos recordar que as consequências que esse avanço trouxe foram grandes para a desigualdade social e mudanças nos recursos e natureza. Essas consequências afetam certos grupos ao ponto que o avanço do agronegócio e a formação de latifúndios tornam esse processo danoso para alguns grupos sociais que ainda residem nos espaços rurais.

Diante dessas informações, podemos considerar como populações vulneráveis os seguintes grupos: moradores de favela, moradores de rua, comunidades quilombolas, povos indígenas, vilas ou aldeias isoladas (ribeirinhos), idosos, crianças, LGBTQIAP+, mulheres e pessoas negras. A seguir, analisaremos cada um desses grupos para entender suas vulnerabilidades.

Moradores de favela: as favelas são consequências do crescimento desenfreado dos centros urbanos, pressionando sua expansão para regiões que apresentam pouca infraestrutura e qualidade de vida. Segundo a Sociedade Brasileira de Medicina Tropical (SBMT, 2023), há uma estimativa de que 17,9 milhões de brasileiros residam em favelas. Os riscos que essas pessoas podem sofrer ao residir em locais impróprios são diversos, desde a insuficiência de saneamento básico, a qualidade do ar, o acesso a serviços de saúde, a disponibilidade de transportes públicos, a comunicação comunitária, a ausência de políticas locais de assistência social, a segurança pública, entre outras tantas questões que incidem diretamente no modo de adoecer e morrer nessas comunidades. Além desses problemas, podemos citar outros dilemas diários que ocorrem nas pessoas que residem em favelas, porém devemos lembrar que essas pessoas merecem respeito e dignidade, pois foi devido às políticas públicas ineficazes que tornaram a população de favela sujeitas a esses desafios.

Figura 13 - Moradores de favela



Moradores de rua: outro desafio que as grandes cidades trazem com o seu constante crescimento é o número crescente de moradores de rua. Segundo o IPEA (2022), a população em situação de rua no Brasil cresceu 38% entre 2019 e 2022, quando atingiu 281.472 pessoas. Esse número crescente é preocupante quando falamos sobre os riscos que vão de problemas no acesso à alimentação, à higiene, à segurança, à saúde e aos direitos básicos, sendo apenas algumas dificuldades que esse grupo enfrenta diariamente e a torna ainda mais vulnerável. Devemos entender que os moradores de rua são uma consequência da disputa por espaços urbanos, sendo forçados a morar nas ruas devido a problemas sociais, econômicos e de saúde mental ou física, sendo, muitas vezes, considerados como invisíveis pela sociedade e tendo negado os aspectos mais básicos de dignidade.

Figura 14 - Morador de rua



Comunidades quilombolas: as comunidades quilombolas têm origem na ancestralidade africana de negros escravizados que conseguiram fugir da crueldade da escravidão e refugiaram-se nas matas. Ao longo do tempo esses fugitivos se uniram e formaram tribos. Nos dias atuais, ainda existem grupo quilombolas aos quais resistem a urbanização, pregando um estilo de vida simples e próximo à natureza. Podemos entender a questão da vulnerabilidade desse grupo nas palavras de Mota et al. (2021) ao afirmar que esse grupo apresenta grande vulnerabilidade devido à sua herança cultural, suscetibilidade a riscos, disparidades sociais, discriminação étnica, estando mais sensível a desigualdades de acesso à saúde. Ainda, nas palavras do autor, esse grupo sofre opressão histórica, devido à ideia de que são um grupo de “fugitivos”, sofrendo social e psicologicamente os efeitos da exclusão.

Figura 15 - Comunidade quilombola



Fonte: Rezende (2015, on-line).

Povos indígenas: os povos indígenas, ou povos originários, ao longo de sua história sempre estiveram vulneráveis desde a chegada dos portugueses. Ao analisar o processo de colonização brasileira, vemos que os indígenas tiveram suas terras roubadas, sofreram com doenças advindas dos portugueses, além da violência trazida pelos portugueses. Nos dias atuais, esse grupo ainda sofre com a organização dos espaços rural e urbano, tendo seus recursos roubados por garimpeiros, madeireiros ou fazendeiros. Com relação à saúde, esse grupo sofre com doenças tropicais ou com doenças relacionadas à poluição ou desmatamento.

Figura 16 - Indígenas



Vilas ou aldeias isoladas (ribeirinhos): grupos isolados como os ribeirinhos tendem a viver longe da área urbana, vivendo geralmente da caça ou pesca, com poucas ou nenhuma atividade na agricultura. Os ribeirinhos habitam próximos aos rios em diversos lugares do Brasil, vivendo principalmente da pesca. A questão da vulnerabilidade nesse grupo é dada pelo seu isolamento, contribuindo para problemas de saúde, infraestrutura e acesso a bens necessários para uma melhor qualidade de vida, como saúde e educação. É importante comentar sobre a dependência dos recursos naturais, pois, como vivem da pesca, estão sujeitos a enfrentar dilemas quanto à estiagem ou a inundações.

Figura 17 - Ribeirinhos



Fonte: Duarte (2019, on-line).

Idosos: os idosos são considerados como populações vulneráveis devido ao envelhecimento e à diminuição das capacidades física e mental, estando mais suscetíveis a doenças ou acidentes. É importante destacar que esse grupo é acometido por doenças crônicas ou influências adversas do clima, necessitando de auxílio especial.

Crianças: as crianças, por sua vez, estão dentro das populações vulneráveis devido aos cuidados especiais que necessitam durante a infância, exigindo cuidado para suas necessidades básicas, sua alimentação, abrigo e proteção. Devido à pequena idade, esse grupo possui necessidade de cuidados especiais, principalmente quanto à saúde, à educação e ao bem-estar.

LGBTQIAP+: a sigla representa a comunidade gay, buscando representar todas as pessoas que se identificam com esse grupo. No passado, a sigla era composta pelas letras LGBT, porém, devido à necessidade de incluir mais pessoas que sofriam dos mesmo desafios que esse grupo, a sigla chegou ao termo LGBTQIAP+. A vulnerabilidade que esse grupo sofre esta relacionada ao conservadorismo e ao preconceito da sociedade. Sendo perseguidos ao longo da história. Esse grupo nos tempos atuais sofre com desafios, como violência, piora na saúde mental (período da pandemia). Vale ressaltar que historicamente esse grupo, assim como outras minorias que sofrem perseguição enfrentam dilemas, como o desemprego, preconceito, exclusão e dificuldade do acesso à educação.

Figura 18 - LGBTQIAP+



Mulheres: as mulheres são consideradas como um grupo vulnerável devido a diversos fatores, como social, econômico e de saúde. O principal determinante nesse caso é a discriminação e desigualdade de gênero, o que coloca a mulher em situação de risco. Devido ao machismo, as mulheres têm a oportunidade de educação negado, excluindo-as do processo econômico e político. É importante destacar que esse grupo sofre com o assédio sexual e violência doméstica desproporcional em relação a outros. Com relação à saúde, esse grupo apresenta mais desafios, principalmente em relação à saúde reprodutiva, sendo esse risco maior com atenuantes, como condições ruins de saneamento, estrutura ou acesso à saúde.

Pessoas negras: as pessoas negras apresentam maior vulnerabilidade quanto a problemas estruturais e de preconceito em nossa sociedade. Ao longo de nossa história, a crueldade que esse grupo sofreu durante o período de escravidão cravou uma ferida na história e cultura desse povo. Atualmente, o racismo ainda está enraizado em nossa sociedade, dessa forma, esse grupo é o que mais sofre quanto à violência principalmente armada. A desigualdade socioeconômica é nítida nesse grupo, sendo excluídos de forma injusta, não tendo a possibilidade de adentrar de forma digna no mercado de trabalho. Esse grupo, em diversos países, é o que mais sofre com a violência policial. Por serem excluídos, esse grupo apresenta altos riscos à saúde, devido a baixas oportunidades e falta de moradia digna, acentuando, assim, a possibilidade de doenças ou aumento das taxas de mortalidade.

Podemos perceber que esses grupos, de forma geral, são afetados por problemas relacionados ao espaço urbano ou rural, sofrendo de forma desigual e não tendo a garantia de seus direitos previstos na legislação nacional. Cabe ao poder público garantir que esses grupos sejam representados e tenham maior qualidade de vida, dignidade e direitos garantidos.

Sessão pipoca

Curta-metragem do cineasta Jorge Furtado Ilha das Flores.



Clique aqui para abrir o vídeo

O curta-metragem Ilha das Flores apresenta uma crítica social em relação à desigualdade, ao desperdício e às condições precárias enfrentadas por grupos vulneráveis. Jorge Furtado destaca as condições de trabalho desumanas dos catadores de lixo que atuam na Ilha das Flores, evidenciando a marginalização e a falta de oportunidades desses trabalhadores. Além disso, o curta-metragem também levanta questões sobre a fome, o consumo desenfreado e o descarte indiscriminado de alimentos, apontando para as contradições presentes no sistema alimentar e suas consequências para os mais vulneráveis.

Ilha das Flores não apenas expõe a realidade social e econômica por trás da produção e distribuição de alimentos, mas também chama a atenção para as condições precárias enfrentadas por grupos vulneráveis, ampliando a reflexão sobre as desigualdades estruturais presentes na sociedade.

Conclusão

Ao longo dos temas, vimos que ambos, espaço rural e espaço urbano, apresentam uma forte relação entre si. Ao analisarmos o crescimento e formalização das cidades, vimos grupos residindo em diferentes espaços com desafios e suas próprias características, a formalização dos **espaços urbanos**, por exemplo, foi devido às oportunidades que este espaço gerou, atraindo mão de obra e intensificando o **êxodo rural**, porém devido à complexidade de sua expansão, tivemos um intenso conflitos entre os atores sociais do espaço urbano.

O **espaço rural**, por sua vez, apresentou uma grande mudança, tendo uma forte concentração de poder em poucas pessoas e pressão em relação à natureza. Sobre as **populações** vulneráveis, podemos perceber que ambos os grupos, de forma direta ou indireta, sofreram e sofrem com o desenvolvimento descontrolado desses espaços. Por fim, convidamos você a refletir sobre a necessidade e dever do poder público quanto a intervir nos conflitos que ocorrem nesses espaços.



Clique aqui para abrir o vídeo

Referências

BONACI, E. M. O desenvolvimento das favelas nos grandes centros urbanos. In: DIAS, S. I. S (org.).

Planejamento urbano e regional: ensaios acadêmicos do CAUFAG em 2007. Cascavel: Smolarek Arquitetura, 2007. Disponível em:

<https://www2.fag.edu.br/professores/solange/PROJETOS%20DE%20EXTENSAO/2007%20LIVRO%20CAUFAG/PLANEJA>

Acesso em: 9 abr. 2024.

CAIAFFA, W. T. et al. Saúde urbana. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 13, n. 6, p. 1785-1796, dez.

2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-81232008000600013>. Acesso em: 9 abr. 2024.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano.** 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

COSTA, S. S. et al. Um estudo sobre a evolução das cidades para o ensino de Geografia. In: VII

COLÓQUIO INTERNACIONAL, 7., 2013, São Cristóvão. **Anais [...]**. São Cristóvão: Educação e

Comporaneidade, 2013. 10 p. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/9757/28/27.pdf>.

Acesso em: 9 abr. 2024.

DUARTE, L. Sínodo para a Amazônia: novos caminhos para uma maior presença e acompanhamento eclesial ao povo ribeirinho. **Arquidiocese de Manaus**, Manaus, 5 jul. 2019. Disponível em:

<https://vitru.realize.pro.br/editor/unit/ef46284c-e725-4e1f-8f60-e9828e84df21>. Acesso em: 9 abr.

2024.

FAVELAS: uma epidemia vivenciada por quem enfrenta desigualdades no dia a dia. **SBMT**, Brasília,

10 maio 2023. Disponível em: [https://sbmt.org.br/favelas-uma-epidemia-vivenciada-por-quem-](https://sbmt.org.br/favelas-uma-epidemia-vivenciada-por-quem-enfrenta-desigualdades-no-dia-a-dia/)

[enfrenta-desigualdades-no-dia-a-dia/](https://sbmt.org.br/favelas-uma-epidemia-vivenciada-por-quem-enfrenta-desigualdades-no-dia-a-dia/). Acesso em: 9 abr. 2024.

GIRARDI, E. P. **A indissociabilidade entre a questão agrária e a questão racial no Brasil:** análise da situação do negro no campo a partir dos dados do Censo Agropecuário 2017. São Paulo: Cultura

Acadêmica Editora, 2022. Disponível em:

[https://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/](https://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/indissociabilidade-entre-a-questao-agraria-e-a-questao-racial-no-BR.pdf)

[indissociabilidade-entre-a-questao-agraria-e-a-questao-racial-no-BR.pdf](https://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/indissociabilidade-entre-a-questao-agraria-e-a-questao-racial-no-BR.pdf). Acesso em: 9 abr. 2024.

GUIMARÃES, C. A. Sudeste concentra mais de um terço das áreas urbanizadas do país. **Agência de**

Notícias IBGE, Brasília, 23 nov. 2022. Disponível em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35585-sudeste-concentra-mais-de-um-terco-das-areas-urbanizadas-do-pais)

[noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35585-sudeste-concentra-mais-de-um-terco-das-areas-](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35585-sudeste-concentra-mais-de-um-terco-das-areas-urbanizadas-do-pais)

[urbanizadas-do-pais](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35585-sudeste-concentra-mais-de-um-terco-das-areas-urbanizadas-do-pais). Acesso em: 9 abr. 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Anuário Estatístico do Brasil 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_2022.pdf. Acesso em: 9 abr. 2024.

IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **População em situação de rua supera 281,4 mil pessoas no Brasil**. Brasília: Ipea, 2022. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/13457-populacao-em-situacao-de-rua-supera-281-4-mil-pessoas-no-brasil>. Acesso em: 9 abr. 2024.

KAYSER, B. **La renaissance rurale**: sociologie des campagnes du monde occidental. Paris: Armand Colin, 1990.

MARQUES, M. I. M. O conceito de espaço rural em questão. **Terra Livre**, [s. l.], v. 2, n. 19, 2015. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/160>. Acesso em: 9 abr. 2024.

MATIAS, Á. Revolução Verde. **Brasil Escola**, Goiânia, c 2024. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/revolucao-verde.htm#:~:text=A%20Revolu%C3%A7%C3%A3o%20Verde%20surgiu%20com,de%20m%C3%A1quinas%20e%20eq>. Acesso em: 9 abr. 2024.

MOTA, A. N. et al. Um olhar para a vulnerabilidade: análise da ausência de acesso à saúde pelos quilombolas no Brasil. **J. Hum. Growth Dev.**, Santo André, v. 31, n. 2, p. 302-309, ago. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412822021000200013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 9 abr. 2024.

NEVES-SILVA, P.; HELLER, L. O direito humano à água e ao esgotamento sanitário como instrumento para promoção da saúde de populações vulneráveis. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 21, n. 6, p. 1861-1870, jun. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015216.03422016>. Acesso em: 9 abr. 2024.

PENA, R. F. A. O que é megalópole? **Brasil Escola**, Goiânia, c2024. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-megalopole.htm#:~:text=Megal%C3%B3pole%20%C3%A9%20um%20termo%20elaborado,dos%20servi%C3%A7os%2>. Acesso em: 9 abr. 2024.

PLANO DE AÇÃO de enfrentamento às mudanças climáticas do Grande ABC. Santo André: Consórcio Intermunicipal Grande ABC; São Paulo: ICLEI, 2016. 104 f. Disponível em: <https://consorcioabc.sp.gov.br/public/admin/globalarq/uploads/files/Plano%20de%20Acao%20de%20Enfrentamento>. Acesso em: 9 abr. 2024.

REZENDE, S. Comunidades quilombolas Água Branca e Matões estão em processo de certificação.

Governo do Tocantins, Tocantins, 14 ago. 2025. Disponível em:

[https://www.to.gov.br/cidadaniaejustica/noticias/comunidades-quilombolas-agua-branca-e-matoes-estao-em-processo-de-](https://www.to.gov.br/cidadaniaejustica/noticias/comunidades-quilombolas-agua-branca-e-matoes-estao-em-processo-de-certificacao/6dna80ua2i8p#:~:text=No%20caso%20das%20comunidades%20%C3%81gua,que%20sejam%20certificadas)

[certificacao/6dna80ua2i8p#:~:text=No%20caso%20das%20comunidades%20%C3%81gua,que%20sejam%20certificadas](https://www.to.gov.br/cidadaniaejustica/noticias/comunidades-quilombolas-agua-branca-e-matoes-estao-em-processo-de-certificacao/6dna80ua2i8p#:~:text=No%20caso%20das%20comunidades%20%C3%81gua,que%20sejam%20certificadas)

Acesso em: 9 abr. 2024.

SANTOS, C. D. dos. A formação e produção do espaço urbano: discussões preliminares acerca da importância das cidades médias para o crescimento da rede urbana brasileira. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 5, n. 1, p. 177-190, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.54399/rbgdr.v5i1.188>. Acesso em: 9 abr. 2024.

SZKLARZ, E. A vida na Pré-História: esqueça o que você sabe sobre os homens das cavernas. **Ah Aventuras na História**, São Paulo, 10 jan. 2022. Disponível em:

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-como-vivia-homem-na-pre-historia.phtml>. Acesso em: 9 abr. 2024.

GUIMARÃES, C. A. Sudeste concentra mais de um terço das áreas urbanizadas do país. **Agência de Notícias IBGE**, Brasília, 23 nov. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35585-sudeste-concentra-mais-de-um-terco-das-areas-urbanizadas-do-pais>. Acesso em: 9 abr. 2024.

UNITED NATIONS DEPARTMENT OF ECONOMIC SOCIAL AFFAIRS/POPULATION DIVISION. **World Urbanization Prospects: The 2007 revision**. New York: UN: 2008. Disponível em:

https://www.un.org/development/desa/pd/sites/www.un.org.development.desa.pd/files/unpd_egm_200801_present

Acesso em: 9 abr. 2024.